

O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PROPOSTA DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O 3.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

João Paulo Hernandez^{1*} Fernanda Moreto Impolcetto²

Resumo: Ao longo da história da Educação Física, o ensino do esporte nas escolas estruturou-se por diferentes formas. Passou por um período tradicional/tecnicista; reestruturou-se a partir das discussões do Movimento Renovador da Educação Física e, recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é considerado como uma prática integrada à Cultura Corporal de Movimento, influenciada pelas tendências atuais da Pedagogia do Esporte. Para auxiliar os professores com as novas demandas desta área de conhecimento, foram elaborados livros didáticos fundamentados nas habilidades e competências da BNCC. Assim, o objetivo deste artigo é analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do Programa Nacional do Livro Didático, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3.º ano do Ensino Fundamental. Para produção dos dados foram estruturadas oito aulas que tiveram como base o livro “Práticas Corporais” da Editora Moderna. Os dados produzidos foram analisados por meio da Análise de Categorias de Codificação (codificação simples). Os principais resultados revelam os limites e as possibilidades do livro didático analisado: o material possui um foco maior na análise em comparação a compreensão do conteúdo; possibilita discutir sobre construção de valores tanto de maneira intencional quanto de forma espontânea. Com isso, conclui-se que o livro possui estrutura viável; rompe com a visão tradicional/tecnicista do ensino esportivo na escola; relaciona o conteúdo com a realidade dos alunos e possibilita aos educandos uma visão crítica e reflexiva sobre o esporte.

Palavras-chave: Livro didático. Educação Física Escolar. Esportes. Ensino.

¹ Prefeitura Municipal de Rio Claro/SP; ² UNESP – Rio Claro/SP

* João Paulo Hernandez: jpnandez@hotmail.com

THE TEACHING OF SPORTS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: ANALYSIS OF THE PROPOSAL FOR A TEXTBOOK FOR THE 3rd YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

Abstract: Throughout the history of Physical Education, the teaching of sport in schools has been structured in different ways. It has gone through a traditional/technical period; it has been restructured based on the discussions of the Physical Education Renewal Movement and, more recently, in the National Common Curricular Base (BNCC), it is considered as a practice integrated into the Body Culture of Movement, influenced by current trends in Sports Pedagogy. To assist teachers with the new demands of this area of knowledge, textbooks have been created based on BNCC skills and competencies. Thus, the objective of this article is to analyze the implementation of a didactic unit for teaching sports, based on a book from the National Textbook Program, prepared based on the skills indicated in the BNCC for the third year of Elementary School. To produce the data, eight classes were structured based on the book “Práticas Corporais” by Editora Moderna. The data produced was analyzed using Coding Category Analysis (simple coding). The main results reveal the limits and possibilities of the analyzed textbook: this material has a greater focus on analysis compared to understanding the content; makes it possible to discuss the construction of values both intentionally and spontaneously. It is concluded that the book has a viable structure; it breaks with the traditional/technical view of sports teaching at school; relates the content to the students' reality and allows students to have a critical and reflective view of sport.

Key words: Textbook. School Physical Education. Sports. Teaching.

Introdução

Considerado um conteúdo tradicional nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), o ensino do esporte foi e ainda é uma prática hegemônica nos espaços escolares. Apesar de não encontrar mais na literatura autores que legitimam atualmente esta prática como única e exclusiva, muitos professores ainda se utilizam desta forma².

Alia-se a esta hegemonia o fato de que, em grande parte das aulas, a forma de ensinar o esporte está atrelada a estratégias tradicionais/tecnicistas. Neste caso, a repetição do gesto esportivo é feita de forma exaustiva na busca de um refinamento qualitativo. Assim, o professor torna-se uma espécie de treinador; privilegia os mais habilidosos; faz com que o formato das aulas pareça um grande treino; como também não explica as razões da escolha de determinado conteúdo em relação a outros².

Várias críticas foram feitas sobre este modelo de ensino principalmente a partir da década de 1980 com o Movimento Renovador da Educação Física (MREF).

Atualmente, estudiosos da área alegam que este modelo descontextualiza a realidade caótica dos esportes, não valoriza a inteligência dos jogadores nas tomadas de decisões nas ações táticas, além de dar atenção exacerbada aos resultados^{3, 4}.

Em contraponto a esta forma de ensinar, sugeriram diversas abordagens pedagógicas da EFE a partir do MREF fundamentadas na psicologia, sociologia, filosofia e nas teorias da educação. Algumas delas são alicerçadas em uma concepção culturalista sobre os conteúdos, a qual tem a Cultura Corporal de Movimento (CCM) como objeto de ensino. Entre essas abordagens, destaca-se a abordagem Crítico Superadora⁵ e, entre os documentos federais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)⁶ e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁷⁻⁹.

Em relação ao documento PCN, este avança na proposição de que as aulas de EFE não se restrinjam apenas ao aspecto procedimental, que historicamente é a dimensão mais vivenciada da área, mas que os conteúdos sejam explorados também pelas dimensões conceitual (fatos, conceitos) e atitudinal (valores, atitudes), visto que, desta maneira, possibilita ao aluno uma experiência mais ampla sobre os temas estudados^{1, 6}.

Já a BNCC visa estabelecer as habilidades e competências a serem atingidas pelos alunos no final de cada etapa da Educação Básica. Seu conteúdo para Educação Física é proposto por meio de oito dimensões do conhecimento: experimentação: que se origina pela vivência das práticas corporais; uso e apropriação: se refere ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal; fruição: implica a apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências

corporais; reflexão sobre a ação: correlacionado aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais; construção de valores: vincula-se aos conhecimentos surgidos em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais; análise: associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais; compreensão: associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural; protagonismo comunitário: são atitudes, ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social⁷.

Em relação ao esporte, a BNCC reporta que esta prática se caracteriza pela comparação do desempenho individual ou coletiva (adversários); possui um conjunto de regras formais regulamentadas por diversos órgãos (federações e confederações, associações) que regem sua prática em vários níveis de competição; porém, faz uma ressalva ao considerar que pode haver outros sentidos e significados que vão ao encontro dos interesses de seus praticantes (lazer, educação, saúde)⁷.

A BNCC também preconiza que o conteúdo esporte seja ensinado por meio da lógica interna das modalidades esportivas, que estão fundamentadas em algumas tendências atuais da Pedagogia do Esporte (PE). Através deste princípio, é possível identificar estruturas universais dos esportes nas quais as ações motrizes de cada modalidade se assemelham a outras durante o jogo. Por meio desta lógica, o ensino dos esportes pode ser vivenciado pelos alunos de forma mais contextual à realidade do jogo durante toda a unidade didática^{7, 10}.

Perante as demandas urgentes da atualidade dentro da EFE, algumas aqui apresentadas de forma sintética, cabe ao professor apropriar-se de informações que o situem sobre a sua realidade e da realidade que cerca a área, com vistas a oferecer aos seus alunos aquilo que há de mais atual sobre as práticas da CCM. E para isto, deve nortear-se por meio do documento que alicerça não apenas a Educação Física, mas a educação como um todo: a BNCC. Para isto, muitos profissionais recorrem a cursos de formação continuada, artigos científicos sobre a temática em questão, livros, a própria BNCC, sites especializados e materiais de apoio como os livros didáticos.

Em 2018, através da Coordenação-Geral dos Programas do Livro Didático, vinculado ao Ministério da Educação (MEC), e em colaboração com vários pesquisadores da área, foram produzidas algumas obras didáticas fundamentadas nas habilidades e competências da BNCC

para as diversas disciplinas curriculares¹¹.

Pela primeira vez na história, foram selecionadas quatro obras para área da Educação Física que, posteriormente, foram enviadas às escolas municipais e estaduais para serem escolhidas pelos professores e gestores de cada Unidade de Ensino (UE). Dentre as obras selecionadas, encontra-se o livro “Práticas Corporais: Educação Física: 3.º a 5.º anos” da editora Moderna, o qual foi objeto de apoio para o desenvolvimento da presente pesquisa^{11, 12}.

Sobre alguns aspectos da utilização do livro didático, entrelaçando com as formas de ensinar que o esporte teve ao longo de sua história, na EFE e na atual conjuntura fundamentada na BNCC, questiona-se: Estes materiais realmente podem auxiliar o professor de Educação Física no ensino do esporte em uma perspectiva atual que contemple a sua prática como um objeto da CCM? Possui uma concepção que supera o ensino tradicional/tecnicista?

Posto isto, e com o intuito de responder à problemática levantada, esta pesquisa tem como objetivo analisar a implementação de uma unidade didática para o ensino dos esportes, fundamentada em um livro do Programa Nacional do Livro Didático, elaborado a partir das habilidades indicadas na BNCC para o 3.º ano do Ensino Fundamental.

Materiais e métodos

O presente estudo é de natureza qualitativa do tipo pesquisa participante, pois se fundamenta pela interação entre o pesquisador e os membros das situações investigadas¹³⁻¹⁵.

O estudo foi realizado em uma UE que atende alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de um município do interior do Estado de São Paulo. Os participantes foram 22 alunos do 3.º ano do Ensino Fundamental matriculados no período matutino no ano 2019 que colaboraram com a pesquisa no momento de suas próprias aulas.

A produção de dados desenvolveu-se por meio da implementação de uma Unidade Didática (UD) baseada no tema esporte para turmas do 3.º ano do Ensino Fundamental, proposto pelo livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3.º a 5.º anos: manual do professor” da Editora Moderna¹².

O livro didático utilizado foi escolhido pelos docentes de Educação Física da UE juntamente com a equipe gestora da escola para o quadriênio 2019/2022. O conteúdo extraído do livro foi estruturado em uma sequência didática que resultou em oito aulas. Quatro aulas para o primeiro tema e mais quatro para o segundo tema.

Tabela 1 – Objetivos das aulas do conteúdo do tema 1: Diferenças entre jogo e esporte

Aula	Objetivos
Introdução ao conteúdo esporte	Analisar e compreender o jogo e o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar e suas distinções;
Basquetebol: do jogo à modalidade esportiva consagrada	Compreender o processo de transformação do jogo até a modalidade esportiva basquetebol. Experimentar movimentos do basquetebol;
Basquetebol para todos	Compreender a possibilidade do surgimento de novos jogos e esportes a partir de determinada modalidade esportiva; Vivenciar o jogo adaptado para pessoas com deficiências de membro inferior.
Criação de uma história sobre evolução dos esportes	Escolher uma modalidade esportiva de uma lista escrita na lousa e criar uma história sobre as alterações do jogo até se tornar um esporte. A atividade pode ser realizada por meio de desenhos e/ou pequenos textos informativos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Tabela 2 – Objetivo das aulas do conteúdo do Tema 2: Esportes de invasão

Aula	Objetivo
Introdução aos esportes de invasão	Vivenciar jogos de futebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.
Minijogos de futebol e handebol	Experimentar jogos de handebol em campo reduzido. Entender a importância da invasão territorial.
Futebol também é coisa de menina	Discutir sobre a participação das mulheres no futebol.
Pesquisa com amigos do bairro	Elaborar de um quadro na lousa das respostas encontradas pelos alunos, que constem duas colunas: “esportes de invasão” e “outros esportes”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram o Diário de Campo e uma sessão de Grupo Focal. O Diário de Campo foi utilizado no final de cada aula, onde foram anotados os aspectos mais relevantes observados e posteriormente preenchido conforme roteiro pré-estruturado. Este instrumento possibilitou indicar as impressões pessoais, por meio de conversas informais, em que foram registrados os comportamentos contraditórios, às falas e entre outros aspectos¹⁶.

No final da unidade didática, foi realizado um Grupo Focal (GF) com 10 alunos selecionados. A sessão foi realizada em uma sala de aula, registrada em áudio com anotações

feitas pelo próprio professor/pesquisador¹⁷. A seleção dos alunos para o GF obedeceu aos critérios de assiduidade durante a implementação da UD e comprometimento efetivo durante as aulas. A sessão foi conduzida por meio de um roteiro previamente estruturado que abordava questões sobre o que os alunos aprenderam durante a unidade didática.

Os dados produzidos foram analisados por meio da Análise de Categorias de Codificação (codificação simples) proposta por Bogdan e Biken¹³. Este processo passou por várias etapas pelas quais o conteúdo transcrito foi lapidado. Iniciou-se com a transcrição dos dados na íntegra, posteriormente passou por várias fases de codificação chegando até os códigos finais. Estes últimos códigos foram aglutinados dos quais emergiram as categorias analisadas: Livro didático de Educação Física: limites e possibilidades; Análise e Compreensão; Construção de Valores.

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos com o número de protocolo de aprovação: 04612418.0.0000.5465. Todos os pais e/ou responsáveis legais pelos alunos receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo as informações da pesquisa. Os alunos receberam e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) a fim de evitar possíveis constrangimentos. Todos os participantes foram denominados anonimamente na apresentação e na análise dos resultados.

Resultados e discussões

O tratamento dos dados resultou em três principais categorias. A primeira apresentada aponta as principais possibilidades e alguns limites verificados na utilização do livro didático, tendo-lhe como base para a elaboração e implementação da UD. A segunda e terceira têm relação com as dimensões do conhecimento propostas pela BNCC que mais se destacaram: Análise e Compreensão dos conteúdos propostos e Construção de Valores. Seguem a apresentação e análise.

Educação Física e Livro Didático: possibilidades e limites

A primeira categoria dos resultados analisados trata-se das possibilidades e limites observados na implementação da UD baseada no livro didático. As estratégias pedagógicas aparecem como o primeiro ponto de destaque, especialmente as mais dinâmicas e

contextualizadas com a realidade do jogo, pois instigaram os alunos à prática.

Eu gostei porque a gente aprendeu coisas que não passam, atividades que não fazem muito aqui no Brasil. Inventar é bom, inventar jogos, criar (Aluno 4).

A gente jogou esportes que a gente mal conhece e a gente aprendeu mais coisas novas (Aluno 1).

Tais propostas foram atingidas, pois o livro analisado sugere o uso de materiais adaptados para aperfeiçoar o andamento das aulas; utiliza-se de uma linguagem simples a ser direcionada aos alunos e propõe meios avaliativos de fácil execução (desenhos e pesquisa com amigos do bairro).

Os materiais adaptados, como garrafas pet, auxiliaram muito nas atividades, assim como a imagem do livro possibilitou ilustrar de forma clara a parte conceitual. Dois minijogos de futebol foram feitos com bolas de borracha, mas como as bolas era dura, acredito que não comprometeu o desenvolvimento das atividades (Diário de campo 5).

Acredito que por ser minijogos de futebol foi o que os motivou a princípio. Porém, os alunos demonstraram muito interesse em saber o que seria os esportes de invasão de maneira geral. Por exemplo: ao comparar uma atividade com a outra, no caso minijogos com os minijogos de handebol foi algo que fez muitos compreenderem as questões táticas envolvidas (Diário de campo 5).

A avaliação é simples de ser aplicadas e utiliza de poucos recursos, apenas folhas de sulfite ou almaço, que são recursos que a escola disponibiliza (Diário de campo 4).

Outro aspecto que facilitou o ensino foi à estruturação didático/pedagógica deste material. As atividades eram organizadas por níveis de complexidade que iam desde as mais elementares, como o jogo em que apenas teriam que arremessar a bola no balde ou nos arcos improvisados, até discussões mais complexas que envolveram o basquetebol na quadra toda para debater sobre a sua evolução ao longo do tempo.

As bolas que variaram, desde a feita de borracha até as bolas oficiais de basquete, ajudaram a compreender sobre o processo de evolução do esporte, pois um aluno no meio da atividade compreendeu e antecipou que a intenção das trocas de bolas era para demonstrar o processo evolutivo do basquetebol (Diário de campo 2).

Contudo, apesar destas facilidades encontradas, algumas atividades requereram adaptação além daquela que é sugerida no livro. Isso ocorreu quando as estratégias e recursos não foram suficientes para atingir um nível de compreensão satisfatório por parte dos alunos. Essas adaptações são um fator importantíssimo na prática pedagógica quando se utilizam

livros didáticos, visto que através delas permite-se “driblar” a realidade precária que prejudica a ação docente^{18, 19}.

Esta precariedade é um dos grandes obstáculos nas aulas de Educação Física que podem comprometer o desenvolvimento pedagógico, restringindo os alunos a apenas algumas vivências²⁰⁻²².

A escola não possuía todos os materiais necessários para aula, porém consegui muito deles comprando-os, além do outro professor de Educação Física ter me emprestado alguns (Diário de campo 2).

As adaptações feitas com materiais alternativos, como bolas de borracha e de meias no lugar das bolas oficiais, tornaram-se algo interessante. As bolas oficiais são pesadas para alguns alunos do 3.º ano e, muitos deles, não conseguiam trocar passes entre si ou arremessá-las na cesta.

O papelão, que simulava as cadeiras de rodas na atividade do basquete para cadeirantes, foi um material adaptado que também ajudou muito no desenvolvimento das aulas, pois não havia arcos suficientes para atender a turma toda.

O papelão foi o material utilizado para simular as cadeiras, foi de fácil acesso e deu para aproveitar para as outras turmas. As bolas de borrachas foram uma opção mais viável por serem mais seguras. O papelão é um material de fácil obtenção e a atividade não precisa necessariamente ser feita em quadra, pois sua aplicação é fácil em qualquer lugar que tenha uma superfície dura e com locais para pendurar os arcos (Diário de campo 3).

As imagens que o livro sugere também podem ser consideradas como um fator limitante caso o professor não recorra a outras fontes de pesquisa além do livro didático. Muitas imagens quando ampliadas ficaram distorcidas. Para suprir isto, foram substituídas por outras imagens semelhantes e retiradas da internet. É importante salientar que esta substituição é prevista no livro didático analisado.

As imagens do livro não ficaram bem nítidas mesmo quando ampliadas e, por isso, foram substituídas por imagens semelhantes retiradas da *internet*, a qual não comprometeu o entendimento da turma, já que eram bem semelhantes as imagens sugeridas pelo livro (Diário de campo 1).

Apesar dos limites encontrados, as possibilidades geradas pelo livro ofereceram um saldo positivo. Por isso, as vantagens foram mais significativas do que as desvantagens, contribuindo muito para que o processo de ensino. A percepção final dos alunos em relação

ao conteúdo vivenciado durante a implementação da unidade didática foi satisfatória. Nas considerações sobre as aulas, muitos destacaram que gostaram do que aprenderam:

Futebol foi ótimo, porque, assim: eu nunca joguei e percebi que é muito bom, agora eu acho que vou jogar sempre (Aluno 4).

[...] foi uma experiência jogar esportes, porque eu nunca joguei e foi a primeira vez jogar esportes (Aluno 5).

Esse entusiasmo foi observado ao longo de toda a unidade didática. Tal condição foi alcançada devido à sensibilização provocada nos alunos por meio dos conteúdos abordados. As estratégias de ensino utilizadas que correlacionaram o conteúdo do livro com fatos de suas realidades permitiram consolidar uma aprendizagem mais real e significativa aos discentes.

Diante do exposto, destaca-se que as possibilidades mais evidentes do livro didático na implementação da UD aqui analisadas foram a linguagem simples direcionada aos alunos; uma avaliação de fácil execução; estrutura didático/pedagógica que aumentam de forma gradativa a complexidade; além de sugerir a utilização de materiais alternativos para as aulas.

Como limites, salienta-se que quando as adaptações sugeridas não forem suficientes para atingir um nível de compreensão satisfatória dos alunos, elas devem ser complementadas para que não se torne um fator limitante, assim como também as imagens que foram retiradas dos livros e que não ficaram nítidas na impressão ampliada. Para solucionar isso, o professor precisa recorrer a outros meios na busca destas imagens como a internet, assim evitando tais limitações.

Análise e compreensão

A segunda categoria apresentada expõe os resultados relacionados às dimensões do conhecimento Análise e Compreensão. A proposta do livro possuía uma divisão de dois temas para o conteúdo esportes no 3.º ano do Ensino Fundamental. O primeiro relacionado às diferenças entre jogo e esporte e o segundo sobre os esportes de invasão.

Através do Diário de Campo e do Grupo Focal verificou-se que, ao longo das aulas, muitos alunos conseguiram relacionar os conteúdos vivenciados com sua realidade social. Exemplo disso foi a discussão sobre a imagem da “pelada de futebol” que foi apresentada. Muitos disseram que já vivenciaram ou apenas viram esta prática no bairro ou na cidade. Ao analisarem a imagem do futebol profissional, muitos relataram que já tinham visto na TV.

Eu gostei bastante das aulas, além do mais eu gosto bastante de esportes, então eu achei bem bacana. Eu jogo futebol na minha rua com meus amigos ou assisto na TV (Aluno 7).

[...] alguns conseguiram exemplificar os tipos de esportes como: basquete, vôlei, futebol. Eles conseguiram dar alguns exemplos de jogos como queimada e até o exemplo da “pelada”, que muitos disseram já praticarem no bairro onde moram, ajudou a compreender que se tratava de um jogo e não o esporte em si [...] (Diário de campo 1).

Ao serem questionados sobre a diferença entre ambas as práticas corporais apresentadas (pelada de futebol e futebol de campo profissional), muitos alunos relataram que o futebol profissional difere dos jogos esportivos praticados na escola. A forma profissionalizada é regida por confederações e federações que estabelecem as regras como: número determinado de jogadores, trio de arbitragem, além de exigirem o rendimento máximo dos praticantes, entre outros aspectos. As diferenças apresentadas pelos alunos são semelhantes às indicadas no livro analisado e descrita por vários autores^{1, 3, 23}.

Os esportes têm que ter a bola o campo [...] O jogo você não pode ter muita coisa, ele muda a regra e no esporte não muda (Aluno 8).

O jogo, para ser esporte, ia ter que ter um campo certo o ia ter que ter gol certo, o ponto, ter que ter o juiz certo, a quadra certa, a bola certa (Aluno 2).

Tinha que ter mais jogadores, jogadores sentados com uniforme, se um machucasse o outro ia no lugar dele, as regras certas (Aluno 4).

O conceito de jogo indicado no livro, que aparece também nas falas dos alunos, está em consonância com o conceito apresentado na BNCC: trata-se de uma atividade voluntária, dentro de limites de tempo e espaço preestabelecidos, com regras criadas ou alteradas pelos praticantes e obedecida por eles⁷.

Os jogos você pode mudar várias coisas, tipo de bola, o lugar, a quantidade de gente (Aluno 5)

Os esportes têm que ter o campo certo e o árbitro e o jogo não. Aí você pode mudar a regra (Aluno 3).

Já na atividade de transformação do jogo em esporte, processo importante para a contextualização histórico-social, ficou evidente na atividade “Basquetebol: do jogo ao esporte”. A atividade começou com os alunos enfileirados, que deveriam arremessar as bolas de borrachas em arcos ou em baldes segurados por outros alunos. Em seguida, foram incluídas algumas regras como a divisão em pequenos grupos para jogarem em equipes; a

bola de borracha foi substituída pela bola de basquete; depois o arco passou a ser a tabela oficial. No final, a atividade se transformou em uma versão mais próxima do esporte basquetebol, na qual os alunos divididos em equipes utilizavam o espaço da quadra toda, driblando e arremessando as bolas nas tabelas de seus respectivos adversários.

Todo esse processo ajudou os alunos a vivenciarem como seria a evolução do esporte ao longo do tempo e consequentemente a sua compreensão.

[...] o esporte foi mudando, primeiro era bem simples, depois foi mudando como tinha que fazer com a bola, depois a tabela mudou, passou ser mais alto, o tipo de bola mudou até chegar como é hoje [...] (Aluno 7).

Dando continuidade à unidade didática, no segundo tema foi apresentado o conceito sobre esportes de invasão. Os alunos também vivenciaram minijogos de futebol e de handebol. Muito deles conseguiram exemplificar de forma sintética como seria a definição deste tipo de esporte através de sua lógica interna:

[...] O futebol, ele é um esporte de invasão porque a gente tem que atravessar pra fazer o gol no outro time (Aluno 5).

O esporte de invasão, você que está com a bola, você tem que ir *pro* outro lado, que você tem que marcar o ponto, pode ser tipo: basquete, futebol (Aluno 7).

Esportes de invasão, ele é assim: se você vai jogar futebol, futebol é um esporte de invasão porque você vai ter que ir no outro time para fazer o gol (Aluno 4).

Nessas aulas, foi apresentada uma figura sobre o posicionamento dos jogadores e do trio de arbitragem durante o início da partida de futebol. Para demonstrar compreensão sobre a figura, solicitou-se que dissessem qual momento do jogo aquela figura representava. Também foi solicitado aos alunos que explicassem o que era um movimento de defesa e de ataque do esporte em questão.

Os alunos ficaram bem atentos às explicações durante a parte conceitual. A figura utilizada foi a mesma do livro que mostra o posicionamento de jogadores durante o início da partida de futebol, com jogadores e o trio de árbitros. A maioria disse que era o início da partida. Para se referir aos movimentos de ataque e defesa, os alunos utilizaram vários termos como: tomar a bola (defesa), goleiro espalmar (defesa), driblar (ataque), passar a bola (ataque). Conseguiram também fazer uma relação de outros esportes de invasão através do exemplo do futebol como: basquete, futebol americano, handebol, hóquei (Diário de campo 5).

Novamente, as definições apresentadas pelos alunos se assemelharam aos conceitos encontrados na literatura sobre a lógica interna dos esportes de invasão, ou seja, invadir o

campo adversário, com o intuito de atingir a meta do mesmo e concomitantemente defender a sua própria meta dos ataques adversários^{7, 10}.

A principal atividade prática utilizada para discutir sobre os esportes de invasão (minijogos de futebol e handebol) facilitou muito a compreensão da lógica interna, devido ao grande interesse que os alunos demonstraram nessas práticas. Nos registros dos Diários de Campo, foi possível constatar este aspecto:

Durante a atividade prática, os alunos aparentavam estar muito empolgados por terem vivenciado os minijogos de futebol na aula anterior, por isso, já tinham um esquema de como seria a atividade dos minijogos de handebol. Eles fizeram as atividades de forma fácil, sem maiores complicações. Durante a parte conceitual, na qual foram apresentadas algumas imagens de outros esportes de invasão, os alunos reconheceram estes esportes classificando-os como de invasão (Diário de campo 6).

Os conceitos e as práticas sugeridas por Darido et al.¹², sobre as diferenças entre jogos e esportes e sobre os esportes de invasão, revelaram-se como um conteúdo adequado para o ensino da prática esportiva nas aulas de EFE. Por meio deste conteúdo, o esporte foi discutido através de conceitos que são defendidos na BNCC e pelas tendências atuais da pedagogia do esporte. Isto ficou claro tanto nos registros apresentados quanto nos diários de campo e no GF através das falas e das vivências dos alunos.

É importante ressaltar que em toda unidade didática verificou-se maior quantidade de propostas para discutir a dimensão do conhecimento “Análise” quando comparado à “Compreensão”. Entende-se que essa ocorrência está relacionada ao fato de que a lógica externa (fatores sociais, culturais e políticos que influenciam o esporte) seja de difícil entendimento por parte dos alunos menores.

González e Fensterseifer²⁴ indicam que a dimensão que se refere aos estudos das práticas corporais sistematizadas (Compreensão) pode ser vivenciada com maior ênfase posteriormente (Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio) quando, do ponto de vista cognitivo, os alunos têm maiores condições de entender as influências históricas e sociais que atuam nos diversos esportes e demais conteúdo da CCM.

Construção de valores

Na terceira e última categoria de análise, apresentam-se os resultados sobre Construção de Valores, outra dimensão do conhecimento prevista na BNCC. Durante a implementação da unidade didática investigada, foram constatados alguns desafios sobre o

que tange essa dimensão.

Muitos alunos, especialmente os meninos, demonstraram um forte teor competitivo durante a prática das atividades propostas, as quais valorizavam os mais habilidosos. Essa supervalorização remete-se ao modelo tradicional/tecnicista do ensino dos esportes na escola, que evidencia os mais habilidosos em comparação aos que não apresentam o mesmo rendimento. Este modelo, hegemônico durante o período esportivista da EFE (que teve auge na década de 1970), priorizava a seleção dos alunos que apresentassem um melhor desempenho com a intenção de que eles representassem a escola em competições oficiais ou, até mesmo, em formar atletas profissionais^{3, 8}.

Uma das atividades sugeridas pelo livro, vivenciada pelos alunos que reporta o processo de evolução do basquete desde o jogo até a modalidade esportiva consagrada, revelou as dificuldades citadas anteriormente. Vários alunos alegaram que os mais habilidosos não passavam a bola e dominavam as ações do jogo.

Um aluno retido do ano anterior e que hoje está na sala com esta turma, é maior do que os demais. Devido a sua vantagem física, não passava a bola para os colegas, além de dar entradas mais duras. Solicitei, neste momento, que ele seria o árbitro da partida. Também destaco que os mais habilidosos queriam tomar conta da atividade, dominando as ações do jogo (Diário de campo 2).

Outro fato importante registrado nessa aula foi o comportamento das meninas. Muitas delas pareciam não quererem participar da atividade, permanecendo praticamente estáticas em quadra. Algumas reclamavam que os meninos não passavam a bola.

Nesse momento, foi necessário o estabelecimento de um combinado entre eles que foi mediado pelo professor/pesquisador. O acordo estabeleceu que os passes deveriam ser intercalados entre meninos e meninas. Depois disso, o problema foi solucionado momentaneamente como se observa nos fragmentos do Diário de Campo:

Alguns alunos - durante a atividade prática - reclamaram que as meninas não queriam participar e que ficaram paradas. Elas alegavam que os meninos não passavam a bolas. Perguntei o que poderia ser feito. Decidimos que precisava intercalar os passes entre meninos e meninas (Diário de campo 5).

Como relatado anteriormente, as meninas tiveram a participação questionada pelos meninos, dizendo que os meninos não passavam a bola. Mas o problema foi solucionado através de um combinado (Diário de campo 5).

Observou-se que muitos alunos tentavam constantemente burlar as regras do jogo para obter vantagens. Percorriam grandes distâncias sem driblar a bola no basquete, não passavam

de forma intercalada como combinado, não respeitavam a área delimitada de forma proposital, entre outros aspectos. Nestas ocorrências, sempre havia intervenção na atividade para debater o problema e questioná-los na busca por uma solução, mesmo que ela durasse apenas aquele momento.

Apesar de a atividade ter agradado a grande maioria, muitos alunos tentam burlar as regras do jogo para obterem vantagens. Sempre preciso chamar a atenção deles. Com isso, a atividade é interrompida constantemente (Diário de campo 6)

Grande parte dos alunos, de modo geral, encaram as regras de um jogo como uma grande imposição normatizadora. As regras são fundamentais para o exercício da cidadania e para construção moral dos alunos. Alguns autores descrevem que o respeito àquilo que é combinado anteriormente faz com que os alunos reflitam e conscientizem-se sobre a importância de um código de conduta que normatize as relações dentro de um determinado contexto. Desse modo, eles poderão vivenciar as atividades em sua totalidade, respeitando os colegas e seus oponentes^{25, 26}.

Outro aspecto relevante quanto às dificuldades encontradas foi o desinteresse de determinados alunos. Muitas desmotivações surgiam durante as explicações teóricas realizadas em sala de aula:

Parte dos alunos, aparentemente, se apropriou do conteúdo e não reclamavam que queria uma prática no momento da explicação, além dos exemplos citados por eles terem ficado claros. Alguns alunos se dispersaram e ficaram poucos atentos durante a explicação teórica com conversas paralelas, atrapalhando a aula (Diário de campo 1).

Muito desse comportamento emana da concepção de que a EFE é uma disciplina exclusivamente prática. Para muitos autores, isto ocorre porque durante um longo período a disciplina ficou estagnada apenas na dimensão experimental e descompromissada com aspectos teóricos^{1, 9, 27}.

Dando prosseguimento à categoria construção de valores, as temáticas sobre questões de gênero permearam as aulas da unidade didática em vários momentos. Elas surgiram tanto de forma espontânea quando os meninos se negavam em passar a bola para as meninas, até em outros momentos que foram provocadas intencionalmente, principalmente na atividade “Futebol também é coisa de menina” que debateu sobre a participação das mulheres no futebol e no esporte em geral.

Gênero são construções sociais e históricas sobre aquilo que é determinado como algo

masculino e feminino dentro da sociedade. Enquanto o sexo se refere às questões anátomo/fisiológicas do corpo, gênero se relaciona com a visão social e cultural sobre os corpos. Essa concepção tenta romper com a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres estariam ligadas à sua natureza praticamente imutáveis. Este conceito privilegia historicamente homens muitas vezes de forma velada e estrutural na oferta de melhores oportunidades dentro da sociedade^{6, 28}.

As aulas de EFE podem tornar-se, em determinados momentos, espaços de elaboração e discussão das identidades de gênero nas práticas corporais. Durante esses momentos, os professores devem proporcionar a coeducação para problematizar as questões de gênero, apontando sempre para a melhor forma de convivência entre meninos e meninas. Através desta concepção, professores devem privilegiar em suas aulas a mistura dos gêneros, evitando atividades de meninos contra meninas²⁹.

Na história da disciplina, houve uma tradição na separação das aulas pelo sexo. A principal justificativa centrava-se no fato de que as atividades consideradas masculinas eram muito agressivas para serem praticadas pelas meninas. Atualmente, essa separação não é recomendada pelos estudiosos da área, porém não significa que não aconteça, pois, muitas escolas ainda o fazem^{1, 29, 30}.

É importante ressaltar que participação entre os gêneros masculino e feminino nas aulas de Educação Física ainda é desigual. Muitos se apoiam em uma visão que coloca as meninas como menos habilidosas³¹.

Na discussão em que as questões de gênero foram feitas de forma intencional, através da atividade “Futebol também é coisa de menina”, houve uma reflexão sobre a participação das mulheres no futebol feminino. Nessa atividade, ficou evidente que as oportunidades que os meninos têm ao longo de sua vida geram mais domínio técnico e tático das ações do jogo:

Na atividade prática optei em fazer os futebolis separados, meninos contra meninos e meninas contra meninas, como sugere o livro. Os meninos não tiveram muitas dificuldades em realizar a atividade, porém as meninas apresentaram um jogo mais anárquico, ou seja, todas correndo atrás da bola ao mesmo tempo. Apenas uma aluna, que normalmente joga com os meninos, teve mais habilidade em jogar futebol, tanto que ela fez dois gols na partida (Diário de campo 7).

Muitos alunos também indicaram suas visões e percepções do futebol feminino. Debateram sobre aspectos como a influência da mídia, as diferenças físicas e preconceito vivido no cotidiano:

Na parte teórica, os alunos foram indagados sobre questões relativas ao futebol feminino. Alguns deles disseram que conheciam alguns times, mas a maioria não respondeu. Quando questionados sobre o porquê dos canais de televisão transmitem poucas partidas de futebol feminino, eles alegaram a princípio de que o motivo seria que os meninos são mais habilidosos e fortes que as meninas. Depois eles foram questionados sobre se as meninas poderiam praticar futebol, a maioria concordou que sim. Eles falaram que as pessoas precisam fazer o que gostam. Uma aluna que apresenta mais habilidade em jogar futebol falou que alguns meninos dizem que ela é “menino”, pois ela joga futebol. No final, eu ressaltei a importância do futebol feminino e que as pessoas precisam fazer aquilo que elas gostam, combatendo o preconceito (Diário de campo 7).

Durante o GF, o debate sobre as questões de gênero pautou-se sempre pelo respeito entre meninos e meninas, na valorização das diferenças e na reflexão sobre o direito que todos tem de vivenciar as práticas corporais, especialmente, nesse caso, o esporte.

Todos têm direito iguais porque não importa qualquer um pode jogar, se ela quiser ser uma jogadora ela pode é só correr atrás e é isso (Aluno 4).

As meninas têm o direito de jogar, não só porque ela é menina que ela não pode jogar. Tipo: ela é sensível e não pode jogar, não é assim, todo mundo tem direito... (Aluno 7).

Essa visão do corpo feminino como algo sensível e até mesmo frágil foi defendida no período higienista e militarista da Educação Física. A menina, e futura esposa/mãe, eram responsáveis por cuidar dos afazeres domésticos e gerar os filhos da pátria que serviriam a nação posteriormente^{1, 30, 31}.

Com relação às práticas corporais adaptadas, que foram discutidas na aula sobre a prática do basquetebol para cadeirantes conforme previsto no livro didático¹², os alunos vivenciaram uma atividade em que as cadeiras de rodas eram simuladas por meio arcos ou adaptadas por pedaços de papelões. Foram colocadas algumas regras importantes como: para deslocar era permitido levantar-se e andar, porém levando consigo o arco ou pedaço de papelão sem a posse de bola. Para receber, passar ou arremessar era necessário ficarem sentados sem se locomover.

No final da aula, quando questionados sobre se a atividade “normal” era mais fácil ou difícil que a adaptada, todos concordaram que a segunda era mais difícil, assim como a vida e o dia a dia dos cadeirantes. As respostas relatadas no GF sempre se pautaram nos direitos das pessoas com alguma deficiência em praticar atividades físicas:

Se um cadeirante quer jogar basquete ele pode, se um cadeirante quiser jogar um basquete ele pode porque ele tem o direito (Aluno 8).

Além disso, os cadeirantes precisam praticar esportes que eles querem. Tem que ir lá e falarem para aqueles que não querem que eles joguem, que qualquer um pode jogar (Aluno 4).

O aluno 1 comentou também durante a sessão do GF sobre a igualdade de condições que é necessária na prática esportiva com pessoas deficientes:

As pessoas podem jogar, mas a primeira coisa, se uma pessoa é cadeirante, você vai ter que jogar no time igual ela, igual como jogamos com as caixas, se uma pessoa for cega, a gente vai pôr à venda em todo mundo e brincar tipo de cobra-cega todo mundo (Aluno 1).

O Estatuto da Pessoa com Deficiência assegura que a educação é um direito dos deficientes e portadores de necessidades especiais para toda vida nos mais variados níveis de aprendizado do ensino formal. Através dessa garantia, visa alcançar o máximo desenvolvimento dos talentos e habilidades nas mais variadas possibilidades sensoriais, intelectuais, sociais e físicas, respeitando sempre suas características, interesses e necessidades de aprendizagens³³.

Conclusão

Os objetivos definidos pelo livro didático, fundamentados nas habilidades indicadas pela BNCC e presentes na unidade didática são coerentes com os resultados apresentados neste estudo.

Constatou-se que, ao longo da unidade didática, foi dado maior ênfase à dimensão da Análise em comparação com a dimensão da Compreensão. Os conceitos foram compreendidos por meio das exposições de figuras e imagens que mostravam as diferenças entre jogo e esporte, e das diferenças das modalidades esportivas consideradas de invasão em comparação a outros tipos de modalidades.

Durante as aulas e por meio do GF observou-se que os alunos, em sua maioria, apresentaram as diferenças entre jogo e esporte através de suas falas, indicando vários exemplos, além de conceituar cada uma dessas práticas.

Também conseguiram expor o conceito dos esportes de invasão, fundamentado nos princípios da lógica interna dos jogos esportivos vivenciados ao longo da UD, assim como conseguiram exemplificar vários tipos de modalidades esportivas de invasão.

As estratégias sugeridas pelo livro permitiram aos alunos vivenciarem jogos relacionados às modalidades esportivas consideradas de invasão, como indicado pela BNCC,

sem se limitar apenas ao ensino da técnica ou do gesto esportivo especializado. Com isso, este material apresenta uma proposta que traz questões situacionais reais dos jogos aproximando-se da realidade caótica dos esportes.

A dimensão Construção de Valores também foi evidenciada no livro e consequentemente na UD. Ela emergiu tanto de forma espontânea, devido aos conflitos gerados pela própria prática, quanto de forma intencional, quando foram propostas atividades que discutiam as questões de gênero no futebol.

O livro também aborda sobre a participação de pessoas com deficiência ao vivenciar a atividade “Basquete para todos”. Esta atividade discorre sobre a modalidade basquete em cadeiras de rodas, a qual maioria dos alunos mostrou-se favorável a participação desta população nestas práticas esportivas.

Quando os temas referentes à Construção de Valores, quando debatidas e vivenciadas de forma intencional, os alunos demonstravam uma concepção positiva em favor da inclusão social, o respeito pela diversidade, o combate ao preconceito e a busca da igualdade de condições para as minorias sociais.

Já as possibilidades encontradas neste material, vão desde o uso de uma linguagem simples direcionada aos alunos; propõe uma avaliação de fácil execução como desenhos; possui uma estrutura didático/pedagógica que aumenta de complexidade durante as aulas; além de sugerir a utilização de materiais alternativos, que facilita o processo de ensino.

Como grande parte dos livros didáticos, esse também possui algumas limitações. O material precisa ser adaptado à realidade em que será utilizado para que contemple os alunos e a escola. Essas realidades podem destoar das estratégias sugeridas pelo livro e com isso os professores poderão enfrentar alguns obstáculos na sua aplicabilidade, como a falta de materiais e/ou sua precarização.

Por fim, espera-se que este estudo contribua a discussão sobre o uso de livros didáticos na Educação Física escolar e/ou para o conhecimento dos docentes que farão uso deste material aqui analisado como material de apoio nas aulas de EFE.

Conclui-se que unidade didática implementada e avaliada, baseada no livro didático “Práticas Corporais: Educação Física: 3.º a 5.º anos: Manual do professor”, apresenta uma estrutura pedagógica viável para o ensino e aprendizagem dos esportes para os alunos do 3.º ano do Ensino Fundamental, pois além de romper com a visão tradicional/tecnicista do seu ensino, possibilita relacionar o conteúdo com a realidade dos alunos, como também proporciona momentos para discutir conceitos sobre a construção de valores para uma

cidadania crítica e reflexiva.

Referências: Devem estar justificadas, sem recuo e espaçamento de 1,5cm

¹ Darido SC, Rangel ICA. Educação física na escola: Implicações para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan; 2005.

² González FJ. Educação física escolar entre “o rola bola” e a renovação pedagógica. 2018. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógicas UNESP; 2018.

³ Bracht V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento (ESEFID/UFRGS). 2000; 6(12): 14-24. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.2504>. [2019 set 18].

⁴ Galatti LR, Reverdito RS, Scaglia AJ, Paes RR, Seoane AM. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. J Phys Educ. 2014; 25(1): 153-162.

⁵ Soares C et al. Metodologia o Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez; 1992.

⁶ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF; 1997.

⁷ Brasil. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC; 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. [2019 set 18].

⁸ Darido SC, Sanches NL. O Contexto da Educação Física na Escola. In: Darido SC, Rangel ICA. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005. p. 1-24.

⁹ Loro AP, Pimentel GGA. A crise da educação física nos anos 1980 e os manifestos da sociologia pública. Recorde: Revista de História do Esporte. 2016; 9 (2): 1-15.

¹⁰ González FJ. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires. 2004; 10(71). Disponível em: www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm. [2019 set 18].

¹¹ Brasil. Edital nº 01/2017, de 27 de julho de 2017. Edital de Convocação Para O Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas Para O Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019. Brasília, DF; 2017.

¹² Darido SC et al. *Práticas Corporais: educação física: 3º e 5º anos: manual do professor*. São Paulo, SP: Moderna; 2017.

¹³ Bogdan R, Biklen S. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 12. ed. Porto, POR: Porto Editora; 1994.

¹⁴ Oliveira, MM. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes; 2007.

¹⁵ Gil, AC. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2008.

¹⁶ Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Hucitec Editora; 2014.

¹⁷ Gatti, BA. *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro; 2005.

¹⁸ Rodrigues HA, Darido SC. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. *Motriz – Revista da Educação Física*. 2011; 17(1): 48-62.

¹⁹ Impolcetto FM. *Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol*. [Tese de Doutorado]. Rio Claro: Instituto de Biociências de Rio Claro, UNESP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106313>. [2019 set 18].

²⁰ Krug HN, Krug MR, Krug RR, Telles C, Flores PP. Os desafios do cotidiano educacional de professores de educação física iniciantes na educação básica. *Revista Didática Sistemica*, [S.L.]. 2018; 19(2): 14-28.

²¹ Prandina MZ, Dos Santos ML. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. *Horizontes - Revista de Educação*. 2017; 4(8): 99-114.

²² Novais NRS, Avila MA. Análise dos recursos físicos e materiais às aulas de educação física em escolas públicas estaduais em Ilhéus, BA. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. 2017; 14(2): 32-42.

²³ Vago TM. O "Esporte Na Escola" E O "Esporte Da Escola": Da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre. 1996; 3(5): 4-17.

²⁴ González FJ, Fensterseifer PE. Desafios da legitimação da educação física na escola republicana. *Horizontes*, Dourados, MS. 2013; 2(1): 33-42.

²⁵ Caetano A. O jogo nas aulas de educação física e suas implicações no desenvolvimento moral. *Pensar A Prática*, Goiânia, GO. 2014; 17(3): 783-799. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i3.25850>. [2019 set 18].

²⁶ Molina FF, Freire ES, Miranda MLJ. A construção da autonomia nas aulas de educação física: aplicação e avaliação de uma proposta pedagógica. *Pensar A Prática*, [S.L.]. 2015; 18(3): 662-674.

²⁷ Machado TS, Bracht V. O Impacto Do Movimento Renovador Da Educação Física Nas Identidades Docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, [S.L.]. 2016; 22(3): 849-860.

²⁸ Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo. 2005; 19(2): 143-151.

²⁹ Jesus ML, Deive FP. Educação Física Escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. Movimento (ESEFID/UFRGS), [S.L.]. 2006; 12(3): 123-140.

³⁰ Castellani Filho L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus; 1989.

³¹ Uchoga LAR, Altmann H. Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. Rev Bras Ciênc Esporte. 2016; 38(2): 163-170.

³² Darido SC et al. Livro didático na Educação Física Escolar: considerações iniciais. Motriz-revista de Educação Física. Rio Claro: Univ. Estadual Paulista-UNESP, Inst. Biociências. 2010; 16(2): 450-457.

³³ Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13146.htm. [2019 set 18].